



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL LICENCIATURA EM
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

PÂMELA CÍNTIA PEREIRA LOPES

**a mulher na universidade e seu processo emancipatório por meio do componente curricular
literatura na formação docente: um caminho para a liberdade**

PORTO NACIONAL – TO
2024.

PÂMELA CÍNTIA PEREIRA LOPES

**A MULHER NA UNIVERSIDADE E SEU PROCESSO EMANCIPATÓRIO POR MEIO DO
COMPONENTE CURRICULAR LITERATURA NA FORMAÇÃO DOCENTE: UM
CAMINHO PARA A LIBERDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao do Curso de Letras - Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas do *Câmpus* de Porto Nacional da Universidade Federal do Tocantins- UFT, como pré-requisito para obtenção do título de licenciada e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca examinadora.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lyanna Costa Carvalho

PORTO NACIONAL – TO.
2024.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

L864m Lopes, Pâmela Cíntia Pereira.

A mulher na universidade e seu processo emancipatório por meio do componente curricular literatura na formação docente: um caminho para a liberdade. / Pâmela Cíntia Pereira Lopes. – Porto Nacional, TO, 2024.

36 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, 2024.

Orientadora : Lyanna Costa Carvalho

1. Escrita feminina. 2. Emancipação. 3. Igualdade. 4. Representatividade. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

PÂMELA CÍNTIA PEREIRA LOPES

A MULHER NA UNIVERSIDADE E SEU PROCESSO EMANCIPATÓRIO POR MEIO DO
COMPONENTE CURRICULAR LITERATURA NA FORMAÇÃO DOCENTE: UM CAMINHO
PARA A LIBERDADE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao do Curso de Letras - Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas do *Câmpus* de Porto Nacional da Universidade Federal do Tocantins- UFT, como pré-requisito para obtenção do título de licenciada e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca examinadora.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lyanna Costa Carvalho

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Lyanna Costa Carvalho-Orientadora-UFT

Prof^ª. Dr^ª. Maria da Gloria de Castro Azevedo- UFT

Prof^ª. Dr^ª. Viviane Cristina Oliveira Oliveira-UFT

PORTO NACIONAL – TO.
2024.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele eu nada seria até hoje. Aos meus filhos: Liryelen Aureliano, Isaque Aureliano, Israel Aureliano, meu esposo Plínio Aureliano e à minha orientadora Professora Dr^a Lyanna Costa Carvalho, por suas singelas orientações, confiança e incansável dedicação. Foi pensando em mim enquanto mulher, esposa, mãe e acadêmica que executei esta escrita. Também dedico a todas as mulheres, e afirmo que o nosso mundo é amplo de possibilidades para nós. Então acreditem em si mesmas, se você tem um sonho, corra atrás de realizá-lo. Nunca é tarde demais para conquistar seu próprio sonho.

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade tecer reflexões acerca do papel da mulher na sociedade, a forma como ela foi e continua sendo tratada historicamente, bem como a importância de inseri-la como sujeito da história. Analisamos assim o seu processo histórico explicitado ao longo do exercício na formação acadêmica. O mesmo utiliza-se das leituras nas obras das autoras: Clarice Lispector, Paulina Chiziane, Simone Beauvoir, literatas que retratam a trajetória da mulher e suas funções em diferentes tempos na sociedade. Dessa maneira, buscamos refletir sobre um movimento de autorrepresentação e protagonismo feminino, uma vez que essa mulher passa a reivindicar seu espaço e seus direitos à igualdade, visando a minimizar as consequências dessas desigualdades, frente aos dilemas de uma sociedade tão excludente.

Palavras-chave: Escrita feminina. Espaço da mulher. Igualdade. Representatividade. Emancipação.

ABSTRACT

The purpose of this work is to reflect on the role of women in society, in the way they have been and continue to be treated historically, as well as the importance of including them as subjects of history. We analyze its historical process throughout the academic learning exercise. For this, we read the works by the authors Clarice Lispector, Paulina Chiziane, Simone Beauvoir, who portray the trajectory of women and their roles at different times in society. In this way, we aim to reflect on a movement of female self-representation and protagonism, as these women start to claim their space and their rights to equality, intending to minimize the consequences of these inequalities, in the face of the dilemmas of an exclusionary society.

Keywords: Feminine writing. Woman's space. Equality. Representativeness. Emancipation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.2 O processo de inserção da mulher na universidade.....	11
1.3 Escrita literária como processo de emancipação feminina	12
A Metamorfose.....	13
1.4 Objetivo geral.....	14
1.5 Justificativa.....	14
1.6 Metodologia	15
1.7 Fundamentação teórica	17
2. A ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR COMO FORMA DE RESISTÊNCIA PARA OUTRAS MULHERES.....	18
2.1 Clarice Lispector e o conceito “escrever”	21
3. A ESCRITA DE PAULINA CHIZIANE COMO ATO DE REFÚGIO E RESISTÊNCIA	24
3.1 A obra que inspira outras mulheres.....	27
4. AS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR E PAULINA CHIZIANE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO DA MULHER NO SEU PERCURSO ACADÊMICO.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade moderna, a mulher é educada e rotulada como o sexo frágil. Quando descobre o sexo ainda no ventre de sua mãe, o quarto montado, as roupas e outros objetos comprados ou presenteados são os de cores rosas que a qualifica como meninas, designando seu sexo. Seu primeiro brinquedo é uma boneca ou são panelinhas para compor a cozinha de brinquedo. Tais atitudes estão enraizadas em uma cultura simbólica na sociedade, que, na verdade, está se referindo aos mais diversos aspectos da vida humana, ligados às ações, acontecimentos, crenças e costumes.

De acordo com Beauvoir (1980, p. 9):

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

A autora reforça, em sua escrita, que a identidade feminina é construída socialmente, ou seja, não é algo inato, natural, mas sim algo moldado. Dessa forma, entende-se a mulher como um produto, pois não existe nenhum destino biológico, psicológico ou econômico que determine a identidade de gênero feminino. O que há é uma cultura com normas sociais que criam o conceito de feminilidade.

Além disso, Beauvoir compara a mulher a um "produto intermediário" entre os homens e aqueles que seriam considerados castrados, sugerindo que a feminilidade é uma construção social que se situa entre os padrões dominantes masculinos e os estereótipos de inferioridade ou indesejáveis atribuídos a outros grupos.

No entanto, falar sobre igualdade de gênero não é sobre questionar fisiologicamente homens e mulheres, sabendo que estes são diferentes. A discussão é sobre igualdade, desvinculando-se da questão fisiológica, um discurso sobre igualdade que consiste em oferecer o mesmo tratamento de oportunidade a todos/as, sem qualquer tipo de discriminação entre gêneros.

Ainda segundo Beauvoir, o mundo feminino e o universo masculino se relacionam da seguinte forma:

Opõe-se por vezes o “mundo feminino” ao universo masculino, mas é preciso sublinhar mais uma vez que as mulheres nunca constituíram uma sociedade autônoma e fechada; estão integradas na coletividade governada pelos homens e na qual ocupam um lugar de subordinadas (BEAUVOIR, 1980, p. 363).

Discursos como “mulher foi feita para casar e cuidar da casa” são proferidos socialmente a todo instante, desde muito precocemente no círculo familiar, durante o desenvolvimento

interpessoal. Ou seja, desde a infância, a mulher vai sendo moldada para, na vida adulta, ser digna de se casar e constituir uma família com um homem capaz de sustentá-la, suprimindo suas necessidades materiais e financeiras para que ela não precise se preocupar com sua independência.

Dito de outro modo, para Duarte (2020), a identidade dessa mulher não é desenvolvida de forma autônoma como a do homem, mas sim por intermédio das atribuições de distintos papéis e comportamentos, isto é:

A identidade social da mulher, como a do homem, também é construída através da atribuição de distintos papéis e comportamentos. Se ao homem cabe ser agressivo, racional, forte e seguro de si, em contrapartida, as mulheres deveriam se conservar inseguras, ingênuas, carinhosas e passivas. Para tanto, a sociedade investe na naturalização desse processo, lançando mão de leis, educação, trabalho, propaganda, dentre outros (DUARTE, 2020, p.139).

Conforme essa citação, a identidade social da mulher, se comparada à dos homens, é definida e moldada por atribuições diferentes. Assim como acontece com eles, a sociedade sempre molda um estereótipo específico em que as mulheres se encaixam. Logo, se, por um lado, segundo a autora, enquanto é esperado que os homens sejam agressivos, racionais, fortes e confiantes, as mulheres são incentivadas a serem inseguras, ingênuas, carinhosas e passivas.

Cabe destacar que o papel social desempenhado por ambos é reforçado por meio de estratégias como leis, educação, trabalho, religião, propaganda e moda. Em outras palavras, essa citação sugere que a construção da identidade social das mulheres é influenciada por padrões e expectativas injustas e limitantes, que reforçam estereótipos de gênero e restringem sua liberdade e autonomia.

Nesse sentido, em se tratando especificamente das mulheres, é necessário um rompimento dessa naturalização de desigualdade, tanto no papel social quanto nos comportamentos, para que o espaço feminino não seja interpretado apenas como uma forma de dar um lugar e voz a elas, mas que vivam de uma forma que se possam construir sua própria história e identidade pessoal, que por longos tempos lhes foram negadas.

Em termos práticos, o homem do patriarcado oprime e trata as mulheres como um produto final, com o único objetivo de beneficiar os homens, ou seja, elas são forçadas a serem esposas, cuidarem das tarefas domésticas e gerarem/cuidarem dos filhos/as, tudo isso apenas para satisfazer os homens. Isso sem considerar outras exigências como estar com o corpo em forma, com pele e cabelos bem cuidados e, além de tudo, que seja mãe, dona de casa, cumprindo os deveres de esposa, como se, pelo fato do seu trabalho não ser remunerado, ele não tivesse valor.

Desse modo, nota-se que a família funcional é a primeira instituição de controle da mulher com uma rotina pré-estabelecida, sem que jamais possa sair desse contexto determinado. Nas palavras

de Simone Beauvoir (1980, p. 370):

Enfim, se é “terra-a-terra”, caseira, baixamente utilitária, é porque lhe impõem consagrar sua existência a preparar alimentos e limpar sujeiras: não é disso que pode tirar o sentido da grandeza. Ela deve assegurar a monótona repetição da vida em sua contingência e sua facticidade: é natural que ela própria repita, recomece, sem jamais inventar, que o tempo lhe pareça girar sobre si sem conduzir a nenhum lugar; ocupa-se sem nunca fazer nada; aliena-se, pois no que tem; essa dependência em relação às coisas, consequências da dependência em relação aos homens.

Segundo a citação, a autora argumenta que, se a vida de uma mulher é limitada a tarefas mundanas e utilitárias, como preparar alimentos e limpar sujeiras, ela não pode encontrar o verdadeiro significado e grandeza de sua existência. A repetição monótona e contingente da vida doméstica não permite à mulher inventar ou criar algo novo e o tempo parece não a levar a lugar nenhum, ou seja, ela vive constantemente ocupada, porém nunca realiza algo significativo pelo fato de ser dependente das outras pessoas para encontrar seu propósito. Com isso ela se aliena de si.

Nesse sentido, para se reinventar, a mulher, segundo a autora, deve ser liberta das tarefas domésticas para ter a oportunidade de buscar sua própria realização e sentido de vida além delas. No entanto, essas ações são tidas como algo que não podem ser alteradas em seus hábitos por serem suas obrigações, logo, não existem outras possibilidades, outras perspectivas de vida; isso reforça ainda mais a dependência total ao homem.

O fardo existencial feminino é pesado. Muitas vezes, a mulher é ignorada, apagada pelo autoritarismo masculino, que articula toda uma estrutura para dificultar o acesso dela ao meio social, como, por exemplo, o ambiente acadêmico ou de trabalho, pois esses podem lhe oferecer perspectivas e oportunidades financeiras e, conseqüentemente, pessoais.

No entanto, alguns progressos foram alcançados ao longo do tempo devido às lutas de diversas mulheres do passado que obtiveram a apropriação pela educação, o direito ao voto e ao trabalho remunerado, dentre outros. É possível citar como consequência dessas conquistas o benefício da autoestima, uma vez que as mulheres estavam sempre ocupadas com os afazeres domésticos e não tinham momentos para si.

Cuidar de si mesma e da autoestima é uma forma de apreciar a liberdade. Na sociedade atual, as mulheres têm a opção de não serem vistas apenas como objeto centrado do poder masculino, mas sim de fazerem suas próprias escolhas.

1.2 O processo de inserção da mulher na universidade

Este trabalho surgiu da necessidade de discorrer sobre como a sociedade lida com uma mulher quando ela é inserida na universidade, visto que a universidade abre não só as portas de uma sala de

aula com o ensino superior e seus componentes curriculares, mas torna-se um ambiente que traz possibilidades, visibilidade, realizações e idealizações, afrontando e desequilibrando uma sociedade que sempre quis manter essa mulher constantemente no lugar de silenciamento, reprimida e invisível, e, que por meio dos estudos/conhecimentos, hoje ela consegue construir sua própria história e identidade.

A mulher forte realiza múltiplas funções e exerce o poder além dos ofícios domésticos, de forma justa e igualitária ao homem, pois ela é apta a viver e construir seu próprio caminho, podendo realizar qualquer cargo ou função. Assim sendo, empoderar-se é o único ato de rebeldia contra uma sociedade em que o masculino é o paradigma de todas as coisas. Sublinha-se que, em nenhum momento, a mulher quer ultrapassar o homem em nada, pois as lutas foram e sempre serão para adquirir seu próprio espaço.

Para tanto, acredita-se que a inserção dessa mulher na universidade transforma tanto ela própria quanto o papel que o passado lhe impôs, pois a auxilia a encontrar novos caminhos e objetivos, torna-a otimista e confiante para prosseguir e persistir na revolução do seu período histórico por meio do conhecimento.

1.3 Escrita literária como processo de emancipação feminina

A escrita da mulher expressa, manifesta e reflete sobre o seu momento atual. A mulher expõe nessas escritas temas reais e por ela vivenciados; muitas destas escritas são denúncias, desejos, uma escrita de si. A mulher escreve se inscrevendo, e nesse sentido é que sua escrita encontra condição própria. Dessa maneira, a escrita feminina é um ato de exigência consigo mesma, sobretudo porque há a intencionalidade de despertar a meditação no leitor.

Dito de outro modo, o autor pode contar ou cantar suas ideias por meio da escrita nas entrelinhas dos textos, não necessariamente como de fato aconteceram, mas como poderiam ou deveriam ter sido. Ele também cria um texto sem regras fixas, manipulando as palavras como um recurso estilístico visando a explorar a intelectualidade do leitor que, ao se deparar com esse texto, pode extrair dele diferentes discursos, dependendo do seu nível de interpretação e de intimidade com a obra.

Não é somente criar um texto qualquer para apreciação do seu leitor, nessa arte criam-se as mais diversas formas de questionamento da realidade: denúncias, críticas, pois toda arte literária é fruto de uma evolução lenta e gradual para se libertar de algo inacessível, que não está apenas ligado ao dom da escrita, mas no poder que essas escritas possuem para a vida das pessoas.

Diante do exposto, deixo aqui uma escrita de minha autoria intitulada “A Metamorfose” (2023) que surgiu no decorrer da escrita deste trabalho, com o auxílio dos componentes curriculares da literatura, reconhecendo-me com o dom da escrita esporádica, para desabrochar o meu prazer em escrever.

A Metamorfose

Era uma vez, uma linda menina;
No seu interior habitavam tais sentimentos:
o amor, a angústia, cicatrizes e o medo,
Mas no seu exterior ela exalava flores;

O amor era paciente e bondoso;
A angústia vinha acompanhada pelo medo;
As cicatrizes tinha para mostrá-la quem um dia ela já foi;

Ela já andou por trilhas escuras;
Aquelas terríveis,
Que ninguém jamais imaginou,
Aquelas assombrosas iguais a filmes de terror;
Mesmo assim ela emanava flores;

Você pode vê-la,
Você pode conviver com ela;
Mas nunca verá ela explicar
o que um dia já doeu,

Suas feridas;
Haaa suas feridas;
Um dia já doeu tanto;
Um dia já sangrou tanto.
Ela viveu e sobreviveu
E nunca, jamais se vitimizou;

Ela vive; ela convive;
Algumas vezes ela recebe visitas de lembranças repentinas.
Daquelas(cicatrizes);
Que um dia já doeu e sangrou tanto.
Isso porque ela se permite ser visitada;

1.4 Objetivo geral

Nosso objetivo é analisar o processo emancipatório da mulher em seu percurso acadêmico, atrelado aos desafios e conhecimentos adquiridos por meio do componente curricular literatura, inspirado-nos nas obras das autoras Clarice Lispector (1998) e Paulina Chiziane (2013). Essas autoras contribuíram, cada uma no seu contexto social e histórico, para avanços sociais e culturais, bem como para a compreensão da subjetividade da mulher como sujeito envolvido na sociedade.

1.5 Justificativa

A valorização e o empoderamento feminino em diálogo com obras literárias de Clarice Lispector (1998) e Paulina Chiziane (2013) são considerados assuntos emergentes; ainda, a literatura de autoria feminina é uma atividade de grande representação e encorajamento a outras mulheres, pois toca na questão da representatividade, ou seja, aquele lugar que o homem desconhece e/ou desmerece.

A decisão sobre essa temática foi motivada pela urgência em se refletir sobre as questões em que predominam a manipulação e o apagamento da subjetividade feminina, assegurada na redação da Constituição da República Federativa do Brasil (1998), especificamente em seu art. 5º caput e inciso I, que estabelece o princípio da igualdade perante a lei entre todas as pessoas independentemente de serem brasileiros ou estrangeiros residentes no país, não importando a sua origem, raça, sexo, religião ou qualquer outra característica (BRASIL, 1998), ou seja, homens e mulheres têm os mesmos direitos e obrigações.

Isso significa que as leis tratam igualmente homens e mulheres, garantindo a igualdade de oportunidades e tratamento entre ambos os sexos. Determina condenar as distinções entre homens e mulheres. Por outro lado, ainda é predominante a desigualdade histórica, sempre colocando em xeque o potencial intelectual feminino em detrimento do masculino; tal aspecto dificulta sua inserção no mercado de trabalho, a começar pela equiparação do salário.

A pesquisa realizada em 2022 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2015) sobre a importância da legislação da transparência salarial apontou que, globalmente, as mulheres recebem salários 20% menores em média do que os homens. Outro aspecto que merece destaque são as exigências para o público feminino na concorrência a uma vaga de emprego.

Com base nesses dados, observa-se que há pré-requisitos específicos para a seleção da mulher: em primeiro lugar que ela seja solteira, não seja mãe, tenha uma boa aparência, tenha disponibilidade de tempo correspondente à vaga pretendida.

O art. 392 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, passa a vigorar com a seguinte redação: “Art. 392. A empregada gestante tem direito, sem prejuízo do emprego e do salário. O PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 72, DE 2017 altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) no qual a licença - maternidade é de 180 (cento e oitenta) dias. Quanto ao término desta licença, muitas das vezes no processo de retorno para a função/cargo ela se depara com a carta de demissão.

E quando ela consegue uma vaga de emprego, mesmo com toda dificuldade imposta pela sociedade, inicia-se um outro movimento de críticas à sua volta, perguntas questionáveis surgem: como ela conseguirá exercer tal função, como se organizará com os afazeres que competem ao lar e ao cuidado com os filhos, ou seja, tenta-se apagá-la como protagonista de sua vida, fazendo com que ela se sinta incapaz de ser produtiva e participante em outras áreas.

Dessa forma, para acontecer sua formação identitária em todos os aspectos de sua vida, essa mulher parece sempre estar em busca de uma aprovação do outro, é o que mantém a mulher em constantes hábitos de submissão, como se ela fosse sempre a única responsável por manter um lar organizado, dificultando sua independência pessoal e social, ou seja, bloqueando sua liberdade. Para o homem, sempre foi útil manter a mulher em estado de dependência total a ele, num contexto em que ela seja incapaz de exercer todo ou qualquer cargo/função que não seja a de cuidar/zelar do lar e educação dos filhos.

No cenário social contemporâneo a mulher conquista e evolui, algo que incomoda todas as classes sociais na sociedade, porque elas, singularmente, reescrevem suas próprias histórias, criam sua própria identidade pessoal e social, desnaturalizando a desigualdade que lhes foi imposta por longos tempos. Porém, apesar de todos os avanços que ocorreram e da construção civilizada da sociedade, ainda existe a exclusão de sua participação efetiva nos espaços públicos sociais.

1.6 Metodologia

Este trabalho é um estudo bibliográfico, do tipo descritivo, com abordagem qualitativa, alicerçado em fontes que tratam os componentes curriculares de literatura como forte influência na luta pela resistência e empoderamento feminino. O presente trabalho é desenvolvido a partir das leituras de obras das autoras Clarice Lispector (1998) e Paulina Chiziane (2013), que proporcionam e contribuem para o desenvolvimento pessoal por intermédio da literatura.

Estas obras não são muito trabalhadas como deveriam, em específico no ambiente acadêmico, em se tratando da importância significativa não só para uma discussão em uma aula, mas por um viés de maior atenção de como são descritas ou retratadas as condições do espaço vivido pela mulher, e

como ela utiliza esse espaço literário como forma de resistência na sua representação.

A obra intitulada *Um teto todo seu* (1985), da autora Virginia Woolf, descreve uma mulher inconformada com o silenciamento na arte da escrita. A autora não aparece como sujeito participante da história literária, mas sim como uma observadora que analisa o contexto histórico em evidência na obra, especificamente em como a mulher é tratada, como não tem um lugar para escrever, como precisa de um lugar só seu para que sua escrita flua, ressaltando que:

Mas o que acho deplorável, prosseguir, percorrendo novamente com o olhar as prateleiras da estante, é o fato de não se saber nada sobre as mulheres antes do século XVIII. Não tenho na mente nenhum modelo para virar de um lado para outro. Eis-me aqui a perguntar por que as mulheres não escreviam (WOOLF, 1985, p. 58).

A autora expõe um descontentamento de raiva, lamentando a dificuldade em achar nos acervos literários obras que sejam escritas ou que falem sobre essa mulher antes do século XVIII, ou seja, nenhum modelo para ser seguido. Ela está inconformada, porque, na verdade, mulheres são representação para outras, ou seja, uma mulher forte fortalece outra.

Durante as aulas do componente curricular de estágio, observei que atualmente podemos encontrar nos acervos literários da biblioteca escolar obras de autoria feminina, mas não em constante circulação na sala de aula como deveria de fato ocorrer, então essas obras continuam do mesmo modo, apagadas ou silenciadas. O que realmente circula na sala de aula são sempre os mesmos exemplares canônicos de autores masculinos, como, por exemplo: Machado de Assis, José de Alencar e Ariano Suassuna, dentre outros, sem tanta inovação, apenas as mesmas leituras de cunho literário com abordagens do ponto de vista dos autores masculinos.

Mas as mulheres, ao chegarem à universidade, especialmente nas aulas teóricas de literatura, percebem que diversas temáticas são abordadas nessas obras de autoria masculina, exceto o papel feminino em todos os setores da sociedade como uma forma de romper com o papel social tradicional da mulher, enfatizando a relevância de sua participação e presença nas discussões sociais.

Portanto, o conhecimento é libertador, e as obras de autoria feminina auxiliam na função desse rompimento, fortalecendo a representatividade da mulher, estimulando-a ao empoderamento, sejam elas negras, indígenas, burguesas e a dona de casa que não escreve só mais uma receita em um caderno ou um diário pessoal, mas vê a necessidade de explorar outros gêneros textuais, dando forças a outras mulheres para se espelharem nelas.

Em vista disso, considera-se a universidade parte fundamental na vida de uma mulher, que proporciona o encontro com a arte literária, auxiliando-a na construção da identidade pessoal e social por intermédio das leituras obtidas. O componente curricular da literatura vai para além do

aperfeiçoamento na formação do docente, ou seja, não é apenas só mais um componente, mas é um divisor de águas que contribui para que mulheres descubram os mais vastos campos de possibilidades e oportunidades que possuem.

1.7 Fundamentação teórica

Na literatura, encontramos fontes de estudo muito importantes que nos levam à compreensão de um determinado momento histórico ao que corresponde a representação da mulher.

A mulher, por décadas, esteve escondida sob pseudônimos ou não foi referenciada para transmitir sua arte pela escrita, uma vez que a literatura era tida como um espaço de prestígio apenas para escritores do gênero masculino. Apesar de todo esse apagamento, a mulher sempre esteve presente na arte de escrever.

Para que se chegasse ao atual cenário de democratização, com a inclusão da mulher como escritora de forma livre e efetiva na literatura, foram necessários diversos movimentos e batalhas em busca desse espaço. Com esse despertar, ela tornou-se autônoma de sua própria vida, motivada por referências de inúmeras autoras e suas obras, que se fortalecem reciprocamente, desafiando uma sociedade opressora e omissa, compelindo-a a aceitar a circulação social e artística dessa mulher na escrita, que teve progressos, desnaturalizando a forma como essas mulheres foram tratadas outrora.

A mulher se permitiu sair da zona da invisibilidade, conquistando espaços e direitos, como independência pessoal e financeira, participação nos meios sociais, oportunidade de acesso aos estudos, direitos políticos e o direito do devido reconhecimento. Atitudes como essas geram incômodo para a sociedade.

Segundo Duarte (2020, p. 148), essa determinação é como lutar contra toda forma de injustiça do patriarcado, ou seja:

A sonoridade feminista se impõe, portanto, como fundamento para a resistência e o fortalecimento das mulheres, alicerçada no apoio mútuo e consciente de lutar contra toda forma de injustiça patriarcal.

A autora sustenta a importância de fortalecer as lutas contra toda forma de injustiça. Para tanto, o primeiro passo seria a união das mulheres como forma de resistência.

Desse modo, o fortalecimento mútuo entre mulheres estabelece e beneficia a luta por esses direitos de forma igualitária, visando desconstruir os preconceitos existentes de gênero. Essas manifestações objetivam preservar as conquistas consolidadas e continuar os avanços para outras vitórias.

2. A ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR COMO FORMA DE RESISTÊNCIA PARA OUTRAS MULHERES

Clarice Lispector (1920-1977) nasceu em 10 de dezembro de 1920, em Tchetchelnik, na Ucrânia. Seus pais chegaram ao Brasil quando ela tinha apenas dois meses de idade, assim, fez questão de se naturalizar brasileira, passou sua infância em Maceió e Recife, onde iniciou seus estudos primários. Deu início à sua jornada na arte da escrita desde o momento em que aprendeu a ler e escrever (por volta dos 7 anos); na sua infância, escrevia histórias semanalmente para a seção infantil de um jornal pernambucano.

Na adolescência, foi com sua família para o Estado do Rio de Janeiro, momento em que sua escrita é descrita como caótica, intensa e inteiramente fora da realidade. Chegou a escrever uma obra, contudo, após certo tempo, decidiu descartá-la, pois não conseguiu definir um desfecho para essa criação e nem ela mesma estava entendendo sobre o que escrevia.

Formou-se em Direito e trabalhou como jornalista. Seu objetivo sempre foi apenas escrever, sem intenção de ser uma escritora. Casou-se com um diplomata, com quem teve dois filhos. Após o término do seu relacionamento, decidiu partir dos Estados Unidos para o Brasil, e assim dedicar-se à sua escrita e criação dos filhos.

Romancista, contista e cronista, é a maior representante da “narrativa íntima” do século XX, marcada pela inovação linguística e pela profunda busca interior. A autora experimenta a modernidade como um processo nauseante. Essa fase de náusea literária, sem dúvida, é trabalhada na arte da escrita, com seu olhar transgressor das regras. Recusa-se à escravidão dos gêneros, quase sempre com personagens mulheres. A escrita de Lispector é densamente concentrada na experiência do seu interior com questões emocionais, sociais, psicológicas, filosóficas tratadas, às vezes, de forma irônica.

Ao final de uma entrevista concedida ao repórter Júlio Lerner do programa televisivo “Panorama” na TV Cultura, no dia 1º de fevereiro de 1977, ela surpreende o jornalista ao solicitar que ele publicasse aquelas revelações só após sua morte. Assim feito, sua morte ocorreu um dia antes do seu aniversário de 57 anos em decorrência de um câncer de ovário em estado avançado; a enfermidade já havia se espalhado por todo seu organismo.

A última obra da autora publicada em vida foi *A Hora da Estrela* (1977), em que conta a história da personagem Macabéa, uma moça do interior em busca de sobrevivência na cidade grande. Como todas as obras dela, essa tem uma relação consigo mesma, um cunho autobiográfico.

Na última entrevista, com um semblante triste, ela responde as perguntas, às vezes preferindo deixar algumas sem respostas. Ao início da entrevista ela relata haver descoberto, recentemente, que

sua mãe escrevia diário e poesia, sua irmã Elisa Lispector (1911-1989), romances, e sua irmã Tania Kaufmann (1915-2007), livros técnicos.

Clarice tinha um temperamento tímido e ousado. Escrevia para jornais e revistas. Na entrevista, a autora afirma que nunca assumiu ser uma literata profissional, pois escreve quando deseja. Diz que, se escrevesse como profissional, sentir-se-ia na obrigação consigo ou com o outro. Sob esse prisma, ela se identificava como uma escritora amadora, não almejando nada além disso, apenas a liberdade.

As obras de Clarice Lispector trazem reflexões sobre diversos perfis femininos, ou seja, daquelas das classes mais baixas, sem formação acadêmica, até as dos grandes centros urbanos. São personagens criadas em algum momento crucial de sua vida, impelidas a provocarem mudanças significativas na realidade em que estão envolvidas.

Em uma perspectiva intimista, essas personagens femininas estão sempre imersas em problemas domésticos, representando a mulher empregada, patroa, viúva, casada com homens autoritários. É uma escrita que dá voz a todas essas protagonistas, descrevendo as dificuldades enfrentadas por elas na sociedade. São obras com temas atuais, de linguagem simples e de fácil compreensão, mas que dependem da interpretação do leitor.

Em sua escrita, Clarice Lispector demonstra a luta dessa mulher contra a opressão e os possíveis caminhos que a levam a se tornar sujeito de sua historicidade. A autora escrevia em um tempo em que as mulheres eram silenciadas, vivendo sob restrições impostas por uma sociedade dominada pelo patriarcado, descrevendo em suas obras comportamentos mais íntimos e desejos reprimidos de suas personagens mulheres.

Assim, as obras de Clarice Lispector tornam-na uma porta-voz para tantas mulheres privadas de expressão em sua época, e, atualmente, justifica nossa existência enquanto mulheres e humanas. Essa escrita segue mudando realidades, despertando questionamentos, envolvendo o aspecto emancipador disposto na literatura acerca da representação dessas mulheres em suas personagens femininas.

Um exemplo é a obra *Laços de Família* (1998), uma coletânea de treze contos, com temas recorrentes abordando conflitos familiares, incertezas e planos de felicidades. Em termos gerais, essa narrativa tem como uma de suas personagens uma mãe severa e rígida que está se despedindo de sua filha Catarina na estação do trem, após passar alguns dias em sua casa.

Catarina, tomada por uma epifania, passa a repensar a maneira como sua mãe e marido se comportavam diante de assuntos relacionados a ela e entre si. Era um atacando o outro. Além disso, sua mãe sempre procurava deixá-la deprimida criticando o modo como ela criava o próprio filho.

Nessa narrativa, a relação entre o homem e a mulher era caracterizada por constante humilhação imposta à mulher:

Às vezes ele procurava humilhá-la, entrava no quarto enquanto ela mudava de roupa porque sabia que ela detestava ser vista nua. Por que precisava humilhá-la? No entanto, ele bem sabia que ela só seria de um homem enquanto fosse orgulhosa. Mas tinha se habituado a torná-la feminina deste modo: humilhava-a com ternura. (LISPECTOR, 1998, p. 69).

Nesse sentido, esse homem se considera dominador e possuidor do corpo e do universo íntimo dessa mulher, mesmo estando ciente de que a atitude de adentrar o quarto com ela nua era humilhante para ela. É um ato de violência contra ela, na forma de violação do direito à privacidade, ou seja, há uma denúncia da forma como é invadido o momento íntimo do corpo dessa mulher.

Certas atitudes como essa continuam presentes na atualidade, porém permanecem silenciadas. Essa mulher tinha seu valor, mas era apagada sempre pelo marido que, por medo de perdê-la, tinha o hábito de torná-la feminina na forma de humilhação. Era o que o fortalecia como homem naquele momento.

O homem, na obra de Clarice Lispector (1998), é aquele personagem que se incomoda com o despertar para o viver de sua mulher:

[...] O homem inquietou-se. Porque não poderia continuar a lhe dar senão: mais sucesso. E, porque sabia que ela o ajudaria a consegui-lo e odiaria o que conseguissem. Assim era aquela calma mulher de trinta e dois anos que nunca falava propriamente, como se tivesse vivido sempre (LISPECTOR, 1998, p. 69).

Catarina, no auge dos seus trinta e dois anos, não queria ser mais como antes, almejava deixar de viver no fingimento e silenciamento, e isso era o que esse homem temia. Quando ela resolve desabrochar, experimentar viver livre, isso ocasiona o desconforto a seu marido. Com o desejo de viver algo melhor, ela decide mudar o modo de se relacionar com sua família, começando pelo filho.

Com isso, a preocupação desse homem torna-se não ter mais essa mulher ao seu lado, e logo ele se torna o pacificador daquela situação. A narrativa termina com o marido de Catarina propondo uma ida ao cinema: “Depois do jantar iremos ao cinema”, resolveu o homem. Porque depois do cinema seria enfim noite, e este dia se quebraria com as ondas nos rochedos do Arpoador (LISPECTOR, 1998, p. 70).

Ao expressar seu descontentamento, essa personagem revela ao seu companheiro que não aceitaria viver uma vida infeliz ou falsa, enfatizando algo tão simples, quanto demonstrar afeto um pelo outro, algo de que ela se absteve de expressar – o amor, um sentimento tão comum. Assim, os sentimentos negados pela mãe e pelo marido foram fundamentais para que ela refletisse sobre o

fingimento familiar, acreditando ser necessário para um bom convívio social, e desconstruindo essa impressão de autoritarismo entre as relações.

Com esse enredo, podemos refletir a respeito de quantas outras mulheres vivem ou já viveram em constantes hábitos de subordinação, assim como a personagem Catarina. Num ápice de um despertar, não se sujeita mais a manter um antigo bom costume imposto pela sociedade, ela só decide ser realmente feliz e verdadeira consigo mesma, e isso é o suficiente.

Percebemos também a importância de ter acesso a obras escritas por mulheres, que trazem forte influência na representação feminina, não só as descrevendo no papel da subordinação, mas colocando-as como protagonistas do seu próprio destino.

No momento em que essas estudantes mulheres na universidade têm um contato ou conhecimento acerca dessas autoras e suas obras, personagens que são fortes e empoderadas, elas podem ser contextualizadas como referência, pois uma dada obra tem uma potência de criar para toda e qualquer pessoa uma forma de resistência.

Nas produções de Clarice Lispector, a autora assume o *ethos* poético como uma prática de liberdade. A arte escrita é uma forma de expressão do espaço feminino no qual ela designa e reorganiza seu próprio universo; uma transformação interior que se dá através da aquisição da leitura literária, alterando não apenas a forma de ver o mundo, mas também o modo de estar no mundo, exercendo a sua própria representação.

2.1 Clarice Lispector e o conceito “escrever”

A partir da leitura das obras de Clarice Lispector, pode-se observar que esse contato literário pontua reflexões acerca da constante (re)construção humana. Com um repertório riquíssimo de histórias, a autora utiliza uma linguagem inovadora e densa para demonstrar, por meio da escrita literária de maneira introspectiva e intimista, o psicológico das personagens, retratando assuntos considerados banais do cotidiano sob uma ótica subjetiva e particular.

Sua escrita dá voz a inúmeras mulheres silenciadas, motivando-lhes a conquistar a liberdade de assumir o protagonismo de sua própria vida. A sua forma de escrever encanta o leitor, podendo ele/ela se posicionar no papel de suas personagens.

A leitura e o conhecimento fazem com que o ser humano evolua, transformando os pensamentos em relação ao outro ser. Clarice Lispector, por meio de sua escrita, torna-se parte do processo emancipatório na vida de suas leitoras.

Em uma de suas crônicas, na obra *A descoberta do mundo - Escrever para jornal e escrever*

livro (1984), a autora deixa claro que valorizava mais suas escritas em livros do que em jornais, mesmo sem deixar de escrever com gosto para o leitor do jornal:

E isto simplesmente porque “jornal é para ser entendido”. Não há dúvida, porém, de que eu valorizo muito mais o que escrevo em livros do que o que eu escrevo para jornais – isso sem, no entanto, deixar de escrever com gosto para o leitor de jornal e sem deixar de amá-lo. (LISPECTOR, 1984, p. 668-669)

Essa diferença, “escrever para jornal e escrever livro”, é que no jornal não se pode esquecer do seu leitor, à medida que no livro o autor manifesta maior liberdade de expressão.

Decifrar Clarice é algo difícil, pois em alguns instantes há um movimento da descontinuidade na escrita. Inicia a crônica “A descoberta do mundo — Escrever (1999)” como se fosse uma conversa com seu leitor, porém logo em seguida afirma que escrever é uma maldição:

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva. (LISPECTOR, 1984, p. 191).

Dessa maneira, na primeira parte da citação a autora enfatiza que a atividade de escrever pode ser difícil ou angustiante. A palavra “maldição” indica que há um fardo associado ao ato de escrever, talvez envolvendo pressão, autoexigência ou sofrimento emocional.

Sendo assim, a autora pode estar se referindo tanto à luta constante enfrentada pelos escritores ao tentar encontrar as palavras precisas quanto aos sentimentos e ideias que pretendem transmitir, sem esquecer da excelência da escrita, sempre exigida e criticada.

Apesar dessa maldição, Lispector acrescenta que o ato de escrever também tem o poder de salvar. Ao mencionar a palavra “salvar”, ela sugere que escrever pode ter um elemento redentor ou terapêutico. Escrever pode ajudar a aliviar emoções intensas, processar experiências pessoais, encontrar clareza mental e até mesmo alcançar uma sensação de paz ou autoconhecimento. No entanto, nem todas as pessoas têm facilidade de se expressar por meio da escrita.

Dessa forma, a citação de Lispector sugere que escrever pode ser uma atividade complicada e desafiadora, mas também uma forma de encontrar cura, libertação e salvação em meio às adversidades da vida.

Além disso, ela afirma que não escrever é o mesmo que sentir-se morta, e que continuava escrevendo não para alterar as coisas, mas porque escrever é sentir a sensação de desabrochar a si mesma.

Sob essa contextualização, acredita-se que o propósito da escrita clariceana é expressar as diferentes vozes femininas daquela época e da nossa, uma vez que representa uma prática de denúncia

do estado social dominado pelo patriarcado.

Dessa forma, ela rompe com qualquer tipo de definição de gênero, desfazendo a ilusão de um sentido único, ou seja, critica a ideologia entre gêneros e redefine como deve ser vista a mulher no meio social.

É uma escrita que transforma e dá liberdade para a visão de um novo mundo, oportunizando mulheres dentro das universidades a se identificarem com a ficção literária. Por intermédio de sua escrita transgressora, que provoca um deslizamento de sentido tão impactante por ser contraditório, Lispector traz em sua literatura a aproximação de tocar a realidade.

Clarice Lispector não apreciava ser rotulada como uma escritora e fazia questão de deixar isso bem explícito, em razão de prezar por sua liberdade de escrita, sem compromisso com o leitor. Suas obras eram produzidas quando tinha vontade, ou sentia a necessidade de escrever.

As criações dela são inspiradoras e transformadoras, ao trazerem para a literatura a realidade de mulheres que ainda não estavam representadas, uma crítica às condições de desigualdade, injustiça e opressão submetidas às mulheres de várias classes sociais. E, quando essas personagens assumem o protagonismo na literatura, fortalecem a mudança na representação da mulher, em uma escrita para se inscrever na literatura.

3. A ESCRITA DE PAULINA CHIZIANE COMO ATO DE REFÚGIO E RESISTÊNCIA

Paulina Chiziane nasceu em 4 de dezembro de 1955, em Manjacaze, no Moçambique. Seus pais eram protestantes, portanto, o cristianismo sempre esteve presente na sua criação. Foi matriculada na escola católica, onde as meninas da época eram educadas para serem boas esposas e cuidar da casa.

Na adolescência estudou em escolas secundárias, onde teve mais contato com valores ocidentais e desenvolveu seu conhecimento da língua portuguesa. Obteve um diploma da Escola Comercial em Maputo. Começou os estudos de Linguística na Universidade Eduardo Mondlane, mas não concluiu o curso. Começou suas atividades na Literatura em 1984, publicando contos em veículos da imprensa moçambicana. Aos 19 anos, ela se casou, separando-se poucos anos depois, e dessa relação teve dois filhos. É uma escritora de literatura moçambicana do pós-independência.

Participou da frente de libertação de Moçambique, foi voluntária da Cruz Vermelha e fez parte do Núcleo das Associações Femininas da Zambézia, onde vive e trabalha atualmente. Sua escrita provoca discussões polêmicas quanto a temáticas sociais, como a poligamia no sul de Moçambique durante o período colonial. Conquistou dois prêmios notáveis: José Craveirinha de literatura-2003 com o romance *Niketche* (uma história de poligamia), além do Prêmio Camões-2021.

Em uma entrevista concedida ao site de notícia “Brasil de Fato” - BdF, publicada em 21 de setembro de 2016, a autora fala sobre seus livros, a condição das mulheres em seu país e o diálogo com o Brasil. Paulina Chiziane demonstra como a literatura produzida em seus país com fatos reais e recentes dialoga com quebras de paradigmas, sendo ela ousada, enfrentando situações de opressão por meio da escrita trazendo uma perspectiva de melhoria para o papel dessas personagens mulheres moçambicanas as quais estavam presas a uma estrutura patriarcal. Além disto, uma prática para o exercício literário, a autora revoluciona as informações pertinentes que nos condicionam a refletir sobre a condição feminina moçambicana.

Chiziane é considerada a primeira romancista em seu país. Ela afirma que escrever sempre foi sua paixão, desde criança, mas agora, já adulta, deseja descansar um pouco dessa trajetória de escrita. Assevera que a escrita é, acima de tudo, um espaço de liberdade, pois ela expressa tudo que lhe agrada ou desagradar, todo e qualquer sentimento a partir da escrita.

O seu primeiro prazer na escrita consistia meramente em saciar a vontade de ter em mãos uma caneta e um papel em branco. Com o passar do tempo ela foi percebendo que a escrita seria um espaço para negociar sua própria identidade, falar quem ela é, o que faz, quais são seus sonhos, a visão de si mesma, como é seu país, sua família e o mundo que gostaria de ver construído.

De acordo com a autora, foi nesse cenário que começou a escrever suas primeiras criações, e até hoje faz de sua escrita um lugar de negociação em prol de mudança, de transformação. Ela compreende que esse modo de participação na dinâmica da vida propicia a criação de uma situação

mais humana e melhor para todos .

A autora enfatiza que a situação da mulher moçambicana não é muito diferente das demais mulheres de quase todo o mundo, com uma ligeira diferença: no seu país, o movimento de libertação priorizou a emancipação da mulher. Então, atualmente, tem um estado que prioriza a promoção da mulher, mas, tirando isso, ela afirma que essa promoção da mulher é mais um encargo.

Desse modo, além da mulher fazer parte da vida pública, política e familiar, ainda tem que participar de um forma dinâmica nos diferentes movimentos que compõem a vida. No entanto, apesar de todo esse processo de transformação, ainda há uma sobrecarga considerável sobre essa mulher.

Chiziane deixou a vida pública para dedicar-se à literatura. Em suas palavras, ela cita que se perdeu e se somou; por exemplo, a experiência durante seu movimento ativista, cultivou a teimosia, uma marca de vontade de vencer.

A escritora faz da literatura um espaço para a negociação de um mundo que sonhava para si mesma. Então não houve deslocamento, mas sim um movimento de estratégia, apenas isso, porque todo aquele empenho frente a libertação tomou seu rumo, continua tendo seus problemas, suas realizações e seus sucessos.

A autora afirma que gosta de estar consigo mesma, sozinha, olhando o mundo e o descrevendo como gostaria que fosse. Por conseguinte, ela não se afastou da política, simplesmente aproximou-se da sua essência por meio do contato com a literatura.

Em relação à inspiração da escrita, a Chiziane diz que na África não precisa ter o trabalho de imaginar ou sonhar para construir uma história, pois essas mulheres desfilam a seus olhos a todo instante. Diante de tantas temáticas a serem registradas, ela expressa o desejo de ter quatro braços e duas cabeças para poder escrever sobre tudo e todas as coisas maravilhosas que correm a seus olhos.

Paulina Chiziane (2016), considera o seu país virgem em termos literários, pois ainda não foi bem explorado, devido ao acesso restrito à escrita e ao mundo da literatura, uma realidade muito recente, já que a independência do país tem apenas 40 anos. Assim, o número de mulheres com experiência e vontade de escrever sobre si mesmas e sobre outras é relativamente considerado um público muito baixo

Dessa maneira, a autora declara a literatura como uma arma para desconstruir toda mentira histórica que vem sendo reproduzida em todas as bibliotecas do mundo sobre os povos africanos. Para criar suas obras, a autora relata que não precisa dispensar muito esforço, basta pegar um gravador, sentar-se na rua e conversar com a primeira mulher que passa e já terá um registro garantido. No entanto, ela enfatiza que essas histórias demandam muita atenção para serem escritas, todavia, precisam ser reproduzidas.

A romancista, embora afirme não privilegiar o feminino, reconhece que faz parte dele, pois integra a sua identidade. Assim, não há nela nenhuma intenção em escrever especificamente sobre o feminino. O que acontece, porém, é que escreve sobre ela porque é uma mulher, escreve histórias de

pessoas ao seu redor, que também são mulheres. A autora afirma que escreve o sonho de um futuro com uma sociedade diferente. Pelo fato de conviver somente com mulheres, a sua escrita é centrada no mundo dessas mulheres. É assim que essas mulheres aparecem, umas mais fortes que outras.

Nessa ocasião de escrita, ela se distrai muito com essas histórias contadas por mulheres, com os comportamentos e pensamentos de cada uma destas que, assim como ela, fazem parte de um país enorme. São mulheres, cada uma diferente da outra, que sonham de certa maneira, mulheres que têm uma perspectiva de mundo distinta. Desse modo, a autora vai construindo as figuras femininas em suas obras.

Sobre a obra *Por Quem Vibram os Tambores do Além* (2013), a autora comenta que tudo isso é trabalho. Quando produziu este livro, ela simplesmente pegou o seu gravador, sentou-se perto de alguém com uma experiência de vida e uma visão de mundo que difere do contexto europeu, ouviu, processou e publicou.

No início, o livro não foi compreendido, pois desafiava convenções consolidadas e quebrava *tabus*. Muitos escritores evitam abordar outros tipos de assuntos, pelo fato de terem receio de explorar temáticas que consideram inapropriadas. No entanto, a autora relata que a partir dessa publicação, outras pessoas passaram a notar a importância de publicar trabalhos dessa natureza, com indivíduos comuns. No decorrer de uma entrevista com um curandeiro, outras pessoas demonstraram interesse em compartilhar suas histórias. A função desse livro é exatamente a preservação da cultura moçambicana por meio da escrita.

A partir da leitura do livro, os leitores têm a oportunidade de conhecer uma outra maneira de preservar os valores por meio da escrita. A autora pontua que, por outros meios, este trabalho em Moçambique ainda não está concluído, mas é necessário empenhar-se para finalizá-lo. Segundo ela, futuramente, os jovens terão acesso a esses livros ou imagens como referências, e talvez ocorram mudanças nas atitudes deles à medida que acessarem esse material, que é produzido com muito esforço e dedicação.

Sobre o livro *Niketche: Uma história de Poligamia* (2001), a autora afirma que sem dúvida foi um livro que causou muita polêmica. Os homens ficaram muito zangados com ela, enquanto as mulheres ficaram muito felizes. Alguns homens chegaram a pedir que ela alterasse o final da história, pois não concordaram com a maneira como o personagem, que se envolve com muitas mulheres, termina. Houve, assim, uma troca de opiniões, mas foi um livro que finalmente ocupou seu espaço. A autora ainda acrescenta que não pensou muito no enredo deste livro e nunca imaginou escrever esse tipo de história.

Em relação ao diálogo África-Brasil, a autora cita que o diálogo apenas começou, ainda não cresceu completamente, mas já é muito agradável. Ela revela que suas escritas mudaram desde que começou a intensificar seu contato com os movimentos brasileiros, em especial as mulheres negras. Considera que poderia haver mais referências, por exemplo, alguns afro-brasileiros que visitam seu país para trocar impressões com eles e, de vez em quando, ler algumas literaturas e acessar algumas

bibliografias.

A África, às vezes, esquece de seus filhos nesse continente, e, na concepção da autora, é necessário um pouco mais de abertura nesse sentido. Ela salienta a importância de exorcizar a questão do negro que está no país. Quando a autora enfatiza essa necessidade de “exorcizar”, ela está se referindo que a África deu os seus filhos para este continente, e foram eles que ajudaram a construí-lo e gerou seus filhos nele, então eles são a potência desta terra. É uma parte da África que está aqui, portanto, devem ter um espaço no que foi construído, porque eles têm o direito de usufruir do resultado do seu trabalho.

A autora enfatiza que, embora esta seja em casa, a sua raiz está fixa na África. A autora ainda acrescenta que hoje não consegue imaginar alguém que tenha saído do Brasil e retornado para a África, que é sua raiz. Ela encoraja uma luta por esse espaço de reconhecimento nessa terra construída por seus antepassados.

Portanto, esse posicionamento da literata é muito relevante, pois é importante conhecer como foi a origem de tudo isso. Finalizando a entrevista, ela declara o quanto os museus são importantes, já que mantêm viva a história de um povo, revelando suas origens e o que foi conquistado ao longo dos anos.

3.1 A obra que inspira outras mulheres

Paulina Chiziane, no texto “Eu, mulher... por uma nova visão do mundo”, discorre sobre um espaço no qual pudesse falar e ser ouvida. Isso porque, desde criança, foram-lhe definidos os comportamentos para manter a legitimidade de um sistema de dominação da mulher via normas impostas no âmbito sociocultural. No início do texto, a autora aborda a questão do mito cristão da criação:

Deus disse: “não é bom que o homem esteja só”. Adormeceu-o, tirou uma das suas costelas e transformou-a em mulher. O homem disse: “é o osso dos meus ossos e carne da minha carne”. A mulher fez-se parceira da serpente. Tomou a fruta da árvore proibida, comeu-a. Sentindo-a deliciosa, deu-a ao homem. Ambos abriram os olhos para o bem e para o mal. Por isso Deus amaldiçoou a mulher e disse: “multiplicarei os tormentos da tua gravidez. Serás governada pelo homem que será teu senhor. (CHIZIANE, 2013, p. 199).

Conforme o mito, quando se criou o homem, a primeira necessidade atendida foi a criação de uma mulher para ser sua companheira, a fim de que ele não vivesse na solidão. Dessa maneira, o homem já deixava claro que ela era os ossos de seus ossos. Dadas as circunstâncias e falas de imposição, nota-se a influência do homem sobre esse ser e seu corpo.

A mulher, entretanto, rebelou-se, preferiu ser parceira da serpente, cometeu um ato de rebeldia, comeu o fruto agradável aos seus olhos, e ofereceu ao seu companheiro. Com tal ato, a mulher passou a viver na sujeição, ou seja, apenas suportando as consequências decorrentes das suas

ações, o que incluiu a submissão total imposta por seu parceiro. Toda essa tormenta, desencadeada pelo simples fato ter consumido o fruto proibido, além da culpabilidade, resultou em ser amaldiçoada com sofrimentos durante o período gestacional.

Esse mito religioso, com características machistas, é imposto às mulheres desde muitos anos, e vem sendo utilizado nos discursos sociais e culturais até nos dias atuais. O cristianismo, ao naturalizar esse mito, perpetua a desigualdade entre gêneros, fortalecendo um ciclo contínuo de opressão, sendo o maior sofrimento e castigo imposto às mulheres.

Acredita-se que esse posicionamento da autora tem como referência, por um lado, em sua base familiar cristã, e, por outro, na educação formal recebida nos colégios tradicionais que frequentou, os quais visavam preparar as meninas para o casamento desde a infância. Por fim, paremos para refletir, quantas outras mulheres na contemporaneidade sofrem por gerações, devido a essa imposição do mito religioso, pelo simples e único ato realizado por uma única mulher.

A religiosidade, fundamentada nessa ideia, passa a reprimir e silenciar cada vez mais as mulheres, pelas próprias circunstâncias em que foram criadas. Uma simples escolha teve como consequência a condenação de toda a humanidade feminina.

A escrita de Paulina Chiziane, além de lhe proporcionar liberdade e prazer, não é apenas uma descoberta de mundo, mas a arte expressada por meio das palavras vivas e fortes, destinada a inspirar outras mulheres. Para ela:

Ainda hoje, a sociedade moderna considera os artistas como seus membros marginais. Ser mulher e ser artista torna-se um verdadeiro escândalo. Escândalo que tive que arriscar e suportar. (CHIZIANE, 2013, p. 203).

Chiziane traz a ideia de que ser artista não é o mesmo que ter uma profissão. Ser mulher e artista torna-a uma desordem para a sociedade moderna. A autora arriscou-se em arcar com as consequências deste ato. Em poucas linhas, resume a dor em dois âmbitos: aquela que lhe atinge diretamente; e, de modo mais amplo, a todas as outras mulheres.

A autora usa sua escrita para mover a mulher, mudar toda perspectiva social e cultural em relação à mulher. Ela assume o papel de criar o espaço para que essas vozes sejam ouvidas por meio de sua escrita.

Para Paulina Chiziane, a literatura é um lugar de refúgio e ruptura para com a sociedade, ultrapassando toda evolução e movimento, quebrando esse silêncio que, muitas vezes, apaga e silencia a mulher. A autora utiliza em suas obras vozes femininas para que se manifestem, reivindicando a busca pela efetivação de si, se fazendo circular nos espaços sociais, sob uma perspectiva capaz de se transformar através da escrita. Com suas próprias palavras, ela se expressa:

[...] sinto que quando escrevo uma nova vida me invade. Viajo embalada na emoção do mundo que construo no pedaço de papel. A escrita consola-me, estimula-me, é a herança mais bela que Deus me legou (CHIZIANE, 2013, p. 204).

Nesse trecho, a autora exprime sua relação íntima com a escrita. Ela descreve que ao escrever, sente uma nova vida invadindo-a, como se fosse transportada para dentro da história que está criando no papel. A escrita se torna uma forma de consolo e estímulo para ela, proporcionando uma conexão profunda com o mundo ao seu redor.

E mais, para ela a escrita é uma herança divina, algo precioso e belo que Deus lhe concedeu, portanto valoriza e aprecia esse dom artístico, reconhecendo sua importância em sua vida, pois pode explorar sua criatividade, expressar seus pensamentos e emoções, e, de certa forma, deixar um legado para as gerações futuras.

Em se tratando do papel da mulher, Paulina Chiziane faz uma ressalva quanto à rotulação impregnada pelo mito religioso, enaltecendo a emancipação da figura feminina.

[...] Como me tornei escritora? É algo que não sei responder. Apenas posso dizer que a escrita escolheu-me, da mesma forma que a natureza me tornou mulher. Posso confirmar que a minha vivência também contribuiu para conduzir-me a este caminho. [...] Entrei na escola católica. Apesar das grandes diferenças na educação da casa e da escola, encontrei harmonia na matéria que dizia respeito ao lugar da mulher na vida e no mundo.(CHIZIANE, 2013, p. 201).

As vivências da autora, que são uma consequência do destino, a transformaram em uma mulher, o que a levou a escrever e, conseqüentemente, a gerenciar sua própria trajetória. Durante o período em que estudou na escola católica, ela despertou o interesse por temas emergentes sobre o lugar da mulher na vida e no mundo. Tornou-se uma escritora revolucionária, não apenas em seu país, como também em outros.

Na segunda citação, a autora faz referência a sua experiência pessoal na escola católica, destacando que encontrou harmonia entre a educação recebida em casa e na escola, especialmente em relação à questão do papel da mulher na vida e no mundo. A frase sugere que a autora encontrou uma coerência entre a maneira como foi educada nos dois ambientes. Isso indica que a escola católica também pregava uma visão de igualdade e valorização das mulheres.

Essa citação pode ser interpretada como uma reflexão positiva sobre o alinhamento de valores entre a educação formal e a informal recebida pela autora no ambiente familiar e na escola religiosa, apesar das suas eventuais contradições.

[...] A educação tradicional ensina a mulher a guardar a casa e a guardar-se para pertencer a um só homem. A escola também ensinava a obediência e a submissão e preparava as raparigas para serem boas donas de casa, conforme o princípio cristão. [...] Já adolescente, sonhei em tornar-me pintora. A família disse que não. A escola disse que não. A sociedade também disse que não. Porque não é bom para uma mulher. (CHIZIANE, 2013, p. 201-202).

Diante disso, consoante o mito religioso, Chiziane desnaturalizou toda posição dada a ela como mulher, enquanto todos à sua volta diziam “não”, porque não era bom para uma mulher seguir outro destino que não fosse a educação tradicional.

Dessa forma, a autora cresceu movida pela descoberta da escrita: “[...] Deixei de pintar paisagens. Nas horas vagas, divertia-me tentando descrever as mesmas paisagens, realizando de forma alternativa o sonho da pintura.” (CHIZIANE, 2013, p. 202). A autora ainda afirma que:

[...], mas, por outro lado, o livro exercia sobre mim um efeito mágico. Em toda a minha adolescência, viajei pelo mundo do Oeste, idolatrei os heróis como Kit Carson, Búfalo Bill. Foi com a literatura marginal que entrei no mundo da leitura porque o meu meio social não tinha acesso a bibliotecas nem centros de cultura. Só no segundo nível de ensino secundário é que consegui tomar contacto com a verdadeira literatura.(CHIZIANE, 2013, p. 202).

Com base nessa citação, a escrita da autora apresenta fortes características que empoderam as mulheres, pois sugere que elas escrevam e vivam seu próprio destino, não aceitando o que a sociedade impôs a elas, simplesmente por serem mulheres. A escrita de Chiziane tem a essência e o poder de desenvolver uma visão de mundo a partir de suas próprias vivências e com suas impressões psicológicas. Para ela, a literatura proporcionou um caminho para exercer o seu empoderamento como mulher.

Por meio da escrita, ela reencontrou uma forma de preencher o vazio a sua volta e contribuir para o desenvolvimento de outras mulheres. Dito de outro modo:

Reencontrei na escrita o preenchimento do vazio e incompreensão que se erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se no meu tema. Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afetivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas. Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como elas pensam e sentem, ninguém o fará da forma como elas desejam. [...] será que escrevendo cada dia mais livros, estou a contribuir para o desenvolvimento da mulher e da sociedade? (CHIZIANE, 2013, p. 203-205).

Com base na citação, a autora afirma que se reencontrou na escrita, sendo ela fundamental para preencher seus vazios e incompreensão em sua volta. Refletindo sobre a condição de ser mulher, sua escrita é inspirada por essas experiências, tornando-se um ato de coragem em uma sociedade que espera que as mulheres se restrinjam às tarefas domésticas. A autora busca, por meio de sua escrita, contribuir de alguma forma para o desenvolvimento da mulher e da sociedade.

Para tanto, as obras literárias de Paulina Chiziane têm a proposta de catalisar e questionar a situação da mulher em sociedade, tratando-a como se fosse homogênea, isto é, como um critério semelhante a todas elas, em busca de um só objetivo o seu espaço na coletividade social.

Chiziane escreve se inscrevendo em sua literatura:

Com as minhas mãos, afasto pouco a pouco os obstáculos que me cercam e construo um novo caminho na esperança de que, num futuro não muito distante, as mulheres conquistarão maior compreensão e liberdade para a realização dos seus desejos. Devo dizer que não há nada de heroico na minha luta e, de resto, desfruto de todo o prazer que a escrita me proporciona. (CHIZIANE, 2013, p. 204).

Assim, por meio de sua escrita, a autora fomenta uma reflexão crítica e autocrítica, como forma de inspiração, afastando os obstáculos que a cercam, possibilitando-lhe trilhar novos caminhos. Ela nutre a esperança de que outras mulheres conquistem e compreendam a liberdade para realizar seus sonhos, e que o mundo veja o valor e a relevância dessa Mulher.

4. AS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR E PAULINA CHIZIANE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO DA MULHER NO SEU PERCURSO ACADÊMICO.

A literatura feminina engloba um campo extenso de representatividade com mulheres fortes, resistentes e empoderadas, que conseguiram, com certo tempo, sua visibilidade como agentes participativas no meio social. Essas conquistas foram empreendidas mediante movimentos feministas pautados em lutas sociais por igualdade em relação ao homem. Na literatura, essas escritoras escrevem para exercer essa emancipação, rompendo papéis sociais construídos e padrões impostos ao longo da história.

Essas mulheres e escritoras conseguiram resistir e romper, de maneira simbólica, as injustiças e opressão impostas pelo homem do patriarcado, por meio de suas inspirações escritas, auxiliando outras mulheres que um dia sofreram para conquistar e construir seus espaços.

As obras de Clarice Lispector e Paulina Chiziane cooperam para desnaturalizar a desigualdade, legitimando o espaço da mulher, capaz de construir e reconstruir sua própria identidade e história. Influenciadas pela necessidade de se inscreverem em seus contextos, ambas escreveram narrativas em que a mulher em cena está refletindo sobre suas condições vividas, como a subalternidade, a submissão ao marido e a sociedade machista.

Embora Clarice tenha afirmado durante a entrevista dada ao canal televisivo “TV CULTURA” que não escreve para influenciar ou mudar as coisas, mas pela necessidade que sente em escrever, e que a faz sentir viva, sendo esse seu único objetivo, ela influencia até os dias atuais a escrita de autoras contemporâneas.

Em “A descoberta do mundo” (1999), com inúmeras crônicas escritas, ela conceitua o ato de escrever do seguinte modo: “[...] é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.” (LISPECTOR, 1999, p. 191). Isso nos faz refletir sobre quantas mulheres já foram salvas e empoderadas pelas escritas de Clarice, uma escrita que salva, mesmo não havendo esse propósito explícito por parte da autora.

Nesse sentido, a literatura é entendida como um espaço de acolhimento, cura, construção, participação e efetivação da identidade social e pessoal da mulher. A universidade tem o papel de proporcionar, por intermédio do componente curricular da literatura, um contato mais próximo com a realidade por meio dessas obras de cunho feminino, fortalecendo todas as manifestações pela liberdade.

Já autora Paulina Chiziane escreve na intenção de encorajar outras mulheres a partir da sua escrita:

Nesta minha batalha por sobrevivência digna vou ganhando mais luz e mais força. Cada dia cresce a minha experiência e mais claras se tornam minhas reflexões sobre a vida e sobre o mundo. Pretendo revelar um pouco desta experiência sem falsidade nem superficialização, para quebrar o silêncio, para comunicar-me, para apelar à solidariedade e encorajamento das outras mulheres ou homens que acreditam que se pode construir um mundo melhor. (CHIZIANE, 2013, p. 201).

Acredita-se que por meio de sua escrita, a autora visa contribuir para a construção de um

mundo feminino melhor. Neste sentido, ela expressa sua vontade de que suas obras possam alcançar geração de mulheres que têm enfrentado sofrimento. A autora busca ocupar espaços que, anteriormente, eram negados às mulheres, para que elas sejam capazes de alcançar paz e tranquilidade ao verem suas ideias e perspectivas difundidas e valorizadas.

Portanto, essas escritas favorecem na oportunidade de a mulher poder ingressar, permanecer e concluir seu ciclo de estudos na universidade. Dessa forma, a mulher conquista o direito de ser independente e autônoma por meio do conhecimento adquirido. Isso se configura como uma validação da mulher como sujeito, bem como o estabelecimento de expectativas e referências para que outras mulheres possam utilizá-las na construção de sua própria história feminina e emancipação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, essa escrita surgiu da necessidade de enfatizar a importância do componente curricular da área de literatura no processo formativo da mulher, e o despertar pela área foi devido às aulas ministradas pela professora da Universidade Federal do Tocantins-UFT, precisamente o componente curricular Identidades periféricas, com um acervo riquíssimo voltado ao universo feminino, tornando dessa forma as idas menos desgastantes à universidade, já que por diversas vezes a mulher é esposa e mãe em tempo integral e está sempre sobrecarregada.

Essas mulheres não têm a mesma oportunidade que os homens, mas estão sempre em busca de melhoria para conseguir a equidade, igualdade e oportunidade tão-somente por um espaço efetivo na sociedade contemporânea, e autonomia em sua própria vida.

A representatividade na área literária é trazida por autoras mulheres, negras, periféricas e da alta burguesia, que reforçam essa representação por meio de contos, histórias e poemas, e de uma maneira geral não só problematizam o fato do que é ser mulher nesse sistema tão patriarcal, mas outras diversas polêmicas enfrentadas pela mulher.

Essas autoras são utilizadas como um aporte teórico, trazendo referências para validar a evolução dessa mulher, por intermédio dessas memórias e escrevivência(as) literárias, uma ruptura para a concessão da liberdade feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

Brasil. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. [recurso eletrônico] — Brasília : Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2023. eBook (264 p.). Disponível em:> CF.pdf (stf.jus.br). Acesso em: 06 Fev. 2024.

BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho**: aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943. Disponível em: > Portal da Câmara dos Deputados (camara.leg.br) . Acesso em: 06 de Fev. 2024.

BRASIL DE FATO, **Brasil de Fato (BdF)- Uma visão popular do Brasil e do mundo**. Entrevista I Paulina Chiziane- Brasil de Fato-BdF-2016. São Paulo, 21 de setembro de 2016. Disponível em:>v=jF8WAXk3o-0&t=600s&pp=ygUwcGF1bGluYSBjaGl6aWFuZSBlbnRyZXZpc3RhIGRpYWxvZ28gY29tIG8gYnJhc2ls. Acesso em: 31 de Jan. 2024.

CHIZIANE, Paulina. ***Eu, mulher... por uma nova visão do mundo***. In: Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 5, nº 10, Abril de 2013.

CORREIO BRASILIENSE. *Mulheres só receberão o mesmo salário que homens em 2086, diz OIT*. Brasília, 6 mar. 2015. Disponível em: <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2015/03/06/interna_mundo,474329/mulheres só receberão o mesmo salário que homens em 2086, diz .](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2015/03/06/interna_mundo,474329/mulheres_só_receberão_o_mesmo_salário_que_homens_em_2086,diz_.) Acesso em: 05 jan. 2024.

DUARTE, Constância Lima; Escrevivência, ***Canção para ninar menino grande***: homem na berlinda da Escrevivência. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 135-150.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Ed. Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020a. 96 p.

LISPECTOR, Clarice. “Escrever para jornal e escrever livro”. IN: *A descoberta do mundo*, 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984, p. 668-669

TV CULTURA, **Panorama com Clarice Lispector**. *A última entrevista de Clarice Lispector* - Programa Panorama - TV Cultura- 1977. São Paulo, 28 de abril de 2022. Disponível em: <https://youtu.be/MauCTC7xlQ8>. Acesso em 05 de Out. 2023.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.